

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA E O ENSINO DA AVALIAÇÃO

ROMBALDI, Rosiane de Magalhães¹
CANFIELD, Marta de Salles²

RESUMO

Este estudo objetivou verificar posicionamentos e opiniões dos professores das disciplinas técnico-desportivas das IES-RS sobre a avaliação no ensino de 1º e 2º graus e na formação profissional. Foram realizados 2 questionários, o primeiro, de questões abertas, buscou o conhecimento sobre avaliação e, o segundo foi construído a partir das respostas do primeiro. Os professores, na maioria, apontaram o curso de graduação como responsável por ensinar o futuro professor a avaliar, devendo ser ensinada em todas as disciplinas. Percebem a avaliação como processo contínuo de acompanhamento do desenvolvimento do aluno, necessária para verificar o alcance dos objetivos, e, também permite ao professor verificar a eficácia de sua metodologia. Entendem que a avaliação deve ocorrer em todos os momentos, sendo de competência do professor e do aluno com responsabilidades diferentes. Há um posicionamento positivo a respeito da necessidade de estabelecer critérios para realizar a avaliação. Os critérios privilegiaram interesse, participação, atitudes e espírito crítico, seguidos do conhecimento da forma correta de executar o gesto técnico e o exercício físico, e por último, o critério da execução correta do exercício físico e do gesto técnico. O conhecimento e entendimento do que seja avaliação identifica-se em grande parte, com a abordagem progressista. Mas ao confrontarmos estes resultados com outro estudo realizado com os mesmos professores, onde perguntamos “como” eles ensinam a avaliar, percebemos a desvinculação da teoria com a prática. Se existe preocupação em desenvolver nos alunos competências e capacidades na busca de uma formação abrangente e mais concreta, torna-se fundamental que os formadores estejam conscientes desta função docente.

Unitermos: educação física, formação profissional, avaliação, pedagogia

¹ Ms - Escola Técnica Federal de Pelotas, RS

² Phd - CEFD-Universidade Federal de Santa Maria, RS

ABSTRACT**THE PROFESSIONAL FORMATION IN PHYSICAL EDUCATION AND
THE TEACHING OF EVALUATION**

This study had the purpose of verifying the position of the teachers of the technical-sportive subjects of the IES in RS, about the evaluation in elementary and secondary education. Most of the teachers pointed out the professional formation course as responsible for teaching the future teacher how to evaluate, and should be taught in all subjects. They realize evaluation as a continuous process of a following of the student's development, where the achievement of the purposes is verified, which also permits the teacher to verify his own methodology. They understand that the evaluation must occur in every moment, and that teachers and students are in charge, with different responsibilities. It was also possible to visualize a positive positioning about the necessity of a establishment of criterions for a coherent evaluation. The criterions were diversified with privilege on interest, participation, attitudes and critical capacity, followed by knowledge of the right way of doing the technical gesture and physical exercise, and last, the criterion of the right performance of the physical exercise and technical gesture. The understanding and knowledge of what is evaluation was identified in the progressist approach. But, when these data were compared to another study involving the same teachers, where we asked "how" they taught evaluation, the lack of linkage between theory and practice was clearly realized. If there exists a preoccupation in developing capacities and competences in the students, in the search of a more concrete formation, it is fundamental that the responsible ones stay aware of this teaching function.

Uniterms: physical education, professional preparation, assessment, pedagogy

INTRODUÇÃO

Na condição de seres humanos, não podemos viver sem fazer inúmeros julgamentos que afetam nossas vidas. Assim como temos direito à satisfação de nossas necessidades, estamos sempre na busca do melhor, do aprimoramento, do conhecimento, que na nossa sociedade é o que prevalece. Este conhecimento, que é buscado nas instituições escolares e posteriormente nas universidades, tem por função a disseminação do saber e, nesta função, se inclui a organização e o oferecimento de cursos de Formação Profissional (Lima, 1994).

O contexto educacional concreto convive com aspectos sombrios. Dados de pesquisas publicados pela imprensa (Folha de São Paulo, Caderno Especial, 31/07/94) revelam que o Brasil teria condições econômicas de garantir cinco anos de escolaridade, ao menos a 88% das crianças, evitando, assim o analfabetismo funcional. Contraditoriamente, apenas 33% delas chegam a esse nível. A mesma reportagem informa que, de acordo com representantes do Ministério da Educação, no Brasil, somente 22% dos alunos concluem o ensino de 1º grau, levando em média, 12 anos para fazê-lo. Apenas 5% não são reprovados.

“Ter condições econômicas de garantir cinco anos de escolaridade, e não fazê-lo, é uma situação estrutural ampla que foge ao controle das instituições educacionais. Contudo, se a escola não pode solucionar esse tipo de questão social, cabe-lhe tornar-se competente, para, ao menos, resolver os problemas de aprendizagem de todos que chegam até ela” (Damke, 1995, p.1).

Freitas (1992) cita dois problemas curriculares que deveriam ser repensados para melhor orientar a formação do profissional da educação, são eles: organização dos cursos de maneira etapista, primeiro a abordagem teórica, depois a prática, como se o conhecimento pudesse primeiro ser adquirido para depois ser praticado. Este último, termina ficando restrito a algumas disciplinas chamadas de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. O segundo problema diz respeito à qualidade da formação teórica do profissional que é fraca e o que estaria faltando é privilegiar a prática. E isto é fatal para a atuação profissional, pois força os alunos a esquemas, caricaturas e receitas pré-definidas, já que não dominam seus fundamentos.

A formação profissional em Educação Física tem sido bastante discutida em inúmeros encontros e seminários da área e os resultados destas discussões tem evidenciado que a formação profissional envolve algo mais do que a estrutura curricular, procura estabelecer uma relação entre a fundamentação teórica e os

procedimentos a serem adotados (Nascimento, 1991).

Em nível de graduação, a formação profissional de Educação Física, deteve-se exclusivamente, até 1990, ao curso de licenciatura, voltado para as escolas de 1^o e 2^o graus, porém em completa desarticulação com esses segmentos, privilegiando a formação esportiva mecanicista, abstrata, desvinculada da realidade social, identificada com valores do esporte institucionalizado, levando muitas vezes o aluno a graduar-se como um profissional tecnicamente competente sem estar, no entanto, com suas competências política e social sequer despertadas (Vieira, apud Menezes, 1991).

Os estudos realizados por Oliveira (1988), Martins Júnior e Oliveira et al. (apud Nascimento, 1991), na Universidade Estadual de Maringá, contribuíram para o melhor entendimento da avaliação dos aspectos organizacionais e dos procedimentos didático-pedagógicos deste currículo. As informações coletadas apresentaram ausência de uma linha filosófica e política definida, a existência de superposição e contradições de conteúdos voltados para o desporto de alto rendimento, a ausência de orientação acadêmica e a desvinculação da teoria com a prática ao longo de todo o curso. Observa-se que os alunos são vistos como atletas, onde o que mais se preconiza é o desempenho, a performance.

Mas, a Educação Física tem que ser tratada como licenciatura, já que é a formação que prevalece, sendo mais importante saber como ensinar, ou aprender como ensinar.

De acordo com Matos (1994), garantir ao professor as condições pessoais para o sucesso é o grande problema que a formação tem que equacionar, procurando conhecer o que é e como se desenvolve a competência pedagógica no professor. O assumir, pela universidade, da formação integrada dos professores sinaliza uma via importante para a solução dos problemas com que se debate a competência do educador.

Vandavelde (1981) questiona os instrumentos de medida utilizados pelos professores de formação profissional. Diz ele que a avaliação das competências adquiridas por um professor não seriam satisfeitas simplesmente por provas teóricas, de conhecimentos do que ele deveria fazer, nem mesmo de exercícios práticos de aulas. É necessário observar se eles são capazes de ensinar e sobretudo se eles são capazes de ensinar a outros, a ensinar. Observar tais competências exige bastante trabalho e pesquisas, parece que a forma mais direta se situa na linha da análise das interações verbais e não verbais em situações de ensino-aprendizagem.

A formação profissional, preocupada em formar professores de Educação Física (licenciatura), implica em ensinar os futuros professores a elaborarem planos de ensino, a utilizarem a metodologia adequada e a realizarem a avaliação de forma coerente. Este conhecimento precisa ser pensado com referência ao projeto social e

pedagógico, pois, nele estarão explícitos os fins e valores da educação.

Quando os egressos dos cursos de formação de professores começam a atuar como profissionais no ensino formal, as escolas exigem que atribuam notas ou conceitos aos seus alunos. Aí começam os problemas, pois constatamos que um dos aspectos em que os professores encontram dificuldades é na realização da avaliação no processo educativo, conforme relatam as pesquisas (Rebelo, 1989; Almeida, 1989; Alegre & Medalha, 1994; Negreto & Darido, 1991; Ohlweiler, 1992; Veronez & Mendes, 1995).

Os resultados de pesquisas realizadas com professores de Educação Física, nos causam preocupações e inquietações no sentido de estudar o fenômeno da avaliação, ir buscar subsídios para a sua realização tendo em vista a existência da lei 5692/71, do parecer 231/82 do Conselho Estadual de Educação juntamente com o regimento da escola que determinam as linhas norteadoras para a prática da avaliação que precisam ser cumpridas. Constatamos que, de modo geral, os regimentos escolares estabelecem que o aproveitamento do aluno deve ser expresso ou através de notas, ou de conceito, ou de um parecer descritivo.

Temos constatado através de nossa prática no ensino de 1^o e 2^o graus, que de um modo geral a prática avaliativa apresenta um conjunto de problemas que nos preocupam, considerando os prejuízos que os mesmos podem acarretar para os alunos contribuindo inclusive para a exclusão escolar.

Um dos problemas que mais chama atenção é o privilégio para a nota final expressa através de notas, conceitos ou outras formas de classificação, onde muitas vezes os professores só percebem que a avaliação existe quando precisam entregar as notas na secretaria, descartando a principal função que é orientar, acompanhar e ajudar o aluno, evidenciando a falta de conhecimento sobre o tema.

Encontramos alguns trabalhos que vem ratificar nossa constatação:

Rebelo (1989) verificou, em seu estudo com professores de Educação Física de 1^o grau das escolas estaduais de Florianópolis-SC, que os profissionais não se preocupavam com a avaliação, justificando que não foram ensinados a avaliar e que pouco sabiam a este respeito.

Melchior (1994) encontrou como resultado de suas pesquisas realizadas com professores de Porto Alegre, RS, que esses não tinham clareza em relação as questões relacionadas com a avaliação, mas apresentavam resultados avaliativos bimestralmente, conforme as exigências das escolas, ficando evidente a necessidade de um melhor preparo dos professores quanto a este aspecto, pois avaliar é muito mais do que registrar uma nota bimestralmente, é acompanhar o seu aluno e ajudá-lo a aprender o que deveria aprender.

Outro problema que se visualiza na prática avaliativa é a sua utilização como forma de punição, onde os professores a usam de forma autoritária, apresentando

provas surpresas, tornando os alunos amedrontados, receosos, assustados, disciplinados, caracterizando desta forma, a avaliação como mecanismo de poder. Segundo Libâneo (1992), Depresbiteris (1993) e Luckesi (1995) estes são os principais desvios da avaliação, quando os próprios professores são incapazes de manter a disciplina e se utilizam da avaliação para mantê-la.

Também encontramos como sério problema na avaliação, o fato dos objetivos serem fixados previamente, antes mesmo de conhecermos os alunos. Se faz necessário uma avaliação diagnóstica (inicial) que permite sabermos em que nível de desenvolvimento motor e intelectual estes se encontram. Percebemos pelos estudos a seguir relatados a ausência de conhecimento sobre esta temática.

Almeida (1989), estudando a rede estadual de ensino de 5ª a 8ª séries na cidade de Pelotas-RS, verificou que os professores avaliam para atender determinação superior, mas não sabem como avaliar, o comportamento é observado mas os critérios são desconhecidos, concluindo que a formação dos professores de Educação Física deve ser questionada no sentido de melhorar o conhecimento a respeito de conteúdos e técnicas pedagógicas que instrumentalizem o egresso a avaliar correta e integralmente o aluno.

Alegre & Medalha (1994), em estudo realizado com professores de Educação Física de 5ª a 8ª série de Jundiaí, SP, verificaram que os professores tem uma vaga definição de objetivos, descompromisso pela aprendizagem, despreparação profissional e um tratamento inadequado dispensado à avaliação.

Negreto & Darido (1991), no estudo realizado com professores de Educação Física, na cidade de Rio Claro, no ensino do 2º grau verificaram os procedimentos utilizados para avaliarem seus alunos, quando encontraram que 70% dos professores desconheciam o significado de termos básicos como avaliação diagnóstica, formativa e somativa e também possuíam como objetivo principal da Educação Física a formação do caráter e da personalidade.

Ainda encontramos professores de Educação Física que realizam avaliação somente enfatizando as habilidades motoras, em que os alunos precisam demonstrar a mais perfeita técnica ou o desempenho desejado, por exemplo converter em cesta, fazer um gol, sem considerar muitas vezes, o próprio desenvolvimento motor do aluno e sua maturidade para desempenhar tal tarefa. Caracterizando desta forma uma prática reprodutivista, transformando o aluno num mero repetidor de movimentos, impedindo às vezes do aluno se manifestar produzir, criar, resolver soluções de problemas, o que também compete ao professor de Educação Física proporcionar aos seus alunos, atribui-se este problema, a tendência pedagógica tecnicista que mais apoiou a formação profissional.

Também encontramos a avaliação sendo realizada de forma contraditória, tendo em vista critérios de atitudes. Ohlweiler (1992) reforça esta constatação em

seus estudos, onde verificou que os professores de Educação Física desenvolvem principalmente modalidades esportivas e avaliam as atitudes, comportamentos, frequência e outros.

No entanto, como avaliar? Que fazem os professores descritos nestes estudos? Avaliam seus alunos pela obrigação imposta pela escola e não pela sua importância, baseados, na maioria das vezes, só na observação informal, e sem registro algum, atribuindo notas ou pontos para o aluno que é assíduo, pontual, participativo, disciplinado e uniformizado. O fato do aluno estar matriculado e disposto a receber as aulas é o critério de avaliação utilizado muitas vezes, nas aulas de Educação Física, onde o critério valorizado é a frequência. É uma inversão total de valores, pois o mínimo esperado de um aluno, passa a ser critério para sua aprovação.

Será que não existem outros aspectos relevantes para medir e avaliar, que sejam objetivos da disciplina? Será que não existiu um mínimo de preocupação, no planejamento destes professores, que permitisse acompanhar o desenvolvimento de seus alunos ao longo do processo de ensino-aprendizagem? Ou será, por outro lado, que o problema não é apenas descaso e incompetência, mas total e completo desconhecimento de como planejar, executar e avaliar com coerência? Os egressos dos cursos de Educação Física pouco conhecem sobre a avaliação do processo ensino-aprendizagem e, se não conhecem, conseqüentemente não a realizam adequadamente, no seu cotidiano profissional.

É necessário que haja preocupação com a preparação dos professores quanto aos conhecimentos específicos e quanto a linha pedagógica necessária nas escolas de hoje.

É preocupante o distanciamento que existe entre a importância que é dada à avaliação pelos alunos, e a despreocupação dos professores dos cursos de formação em Educação Física com o assunto. Rochefort (1994) também confirma que a preocupação dos estudantes é maior quanto ao resultado final (aprovação na disciplina), do que com a aquisição de conhecimentos acerca dos fenômenos que ocorrem em torno do objeto de estudo. Estuda-se mais para alcançar a nota e fugir dos exames finais do que qualquer outra coisa.

Melchior (1994) verificou que os professores participantes de sua pesquisa avaliavam para entregar uma nota ou para verificar se os objetivos tinham sido alcançados, atingindo assim, apenas a função de classificação. Provavelmente essa é uma das razões que contribui para que o aluno estude para tirar uma nota ou para aprender somente aquilo que o professor vai avaliar.

Castro & Ramirez (1994) e Negreto & Darido (1989), confirmam a precariedade do processo didático-pedagógico em seus estudos no 1º e 2º graus e, por conseqüência, a avaliação se torna um ato tão difícil de ser realizada.

“É preciso mantermos uma relação coerente entre o que trabalhamos e o que realmente avaliamos. Fora desta relação, corremos sérios riscos, entre eles, o de realizarmos ações vazias de significados e de elevados custos sociais como a repetência e a evasão escolar. Ainda que existam fatores externos que influenciam as decisões dos alunos de continuarem no curso ou de abandoná-lo, a evasão e a reprovação dependem, largamente das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores” (Danke, 1995, p. 2).

A avaliação continua sendo um dos espinhosos problemas pedagógicos a ser resolvidos em educação em geral.

Os egressos dos cursos de formação de professores de Educação Física precisam sair com conhecimentos suficientes, para atuarem nas atividades profissionais e como vimos, as pesquisas mostram uma série de deficiências no que se refere a avaliação.

Não estamos advogando a favor de uma avaliação classificatória, nem numa atribuição de notas, conceitos como conseqüência do resultado da avaliação, mas de uma avaliação que contemple sua principal função que é a orientação, onde possa situar o aluno frente suas aprendizagens e suas dificuldades, num compromisso de superá-los.

É preciso saber avaliar de modo a verificar se os objetivos estão sendo atingidos, se os conteúdos estão sendo adequados, se a metodologia é a mais apropriada, verificando a aprendizagem dos alunos, e se necessário for, encaminhar alterações no processo de ensino-aprendizagem.

É necessário apresentar subsídios, não como receitas prontas, mas como suporte de informações que possibilitem aos professores refletirem sobre o seu papel na construção do conhecimento. É preciso que o professor saiba o que está fazendo e, especialmente, tenha clareza sobre a função da avaliação escolar. Se o professor conhecer o real significado da avaliação, certamente vai procurar fazê-la da melhor maneira possível. Para isso, necessita da ajuda, através de informações, sobre a forma de realizar a tarefa tão difícil, importante e de tanta responsabilidade (Melchior, 1994a).

Neste sentido, formulou-se o seguinte problema de pesquisa:

Qual é o posicionamento dos professores das disciplinas técnico-desportivas dos cursos de graduação em Educação Física do Rio Grande do Sul, sobre a avaliação?

A partir deste problema de pesquisa, objetivou-se:

- verificar o conhecimento dos professores das disciplinas técnico-

de sportivas dos cursos de graduação em Educação Física (licenciatura) em relação ao tópico avaliação, no ensino de 1^o e 2^o graus, quanto a concepção de avaliação, a importância da avaliação, as finalidades da avaliação, as funções da avaliação, a necessidade de estabelecer critérios para realizar a avaliação, aos critérios de avaliação, as técnicas e os instrumentos de avaliação, ao momento em que ela deve ser realizada e a quem compete realizá-la.

- verificar as opiniões dos professores das disciplinas técnico-desportivas dos cursos de graduação em Educação Física (licenciatura), sobre avaliação, no que diz respeito ao curso de formação profissional, quanto a responsabilidade da formação profissional em ensinar o futuro professor a avaliar e em que disciplina deveria acontecer a aquisição destes conhecimentos.

Neste trabalho, torna-se necessário a definição de alguns termos, para que não venham ter diferentes interpretações, como:

- avaliação: avaliação é um juízo de qualidade sobre dados relevantes para uma tomada de decisão (Luckesi, 1995);

- disciplinas técnico-desportivas: disciplinas cujos conteúdos são amplamente utilizados nas atividades escolares, que são atletismo, basquete, handebol, futebol e voleibol;

- formação profissional: é a formação que acontece nos cursos de licenciatura plena em Educação Física.

METODOLOGIA

O universo da pesquisa foi representado pelos profissionais docentes, com atuação nas disciplinas técnicas das Instituições Superiores de Educação Física do Rio Grande do Sul, nos cursos de licenciatura, no 2^o semestre de 1995 e 1^o semestre de 1996.

De uma população de oitenta (80) professores que ministravam as disciplinas técnico-desportivas nas catorze (14) IES do Rio Grande do Sul, trinta e quatro (34) professores compuseram a amostra no primeiro questionário e cinquenta e dois (52) professores, no segundo questionário (Tabela 1).

Tabela 1 - Professores respondentes do primeiro e segundo questionários.

| Instituição | Número total de professores | Respondentes do 1º questionário | Respondentes do 2º questionário |
|--------------|-----------------------------|---------------------------------|---------------------------------|
| UFPEL | 5 | 5 | 5 |
| UFSM | 8 | 4 | 8 |
| ULBRA | 3 | 1 | 2 |
| UNIJUI | 10 | 2 | 10 |
| UCS | 4 | 2 | 2 |
| UNICRUZ | 4 | 3 | 4 |
| UNIVALE | 5 | 4 | 3 |
| UFRGS | 10 | 3 | 6 |
| UNISINOS | 5 | 3 | 1 |
| FEEVALE | 5 | 3 | 3 |
| URCAMP | 4 | 2 | 4 |
| UPF | 5 | 1 | 3 |
| UNISC | 5 | - | - |
| IPA | 8 | 1 | 1 |
| TOTAL | 80 (100%) | 34 (42,5 %) | 52 (65%) |

A escolha pelos professores das disciplinas técnico-desportivas dos cursos de Educação Física foi baseada no critério de aplicabilidade, isto é, foram escolhidas as disciplinas cujos conteúdos são amplamente utilizados nas atividades escolares, onde se verifica que os conteúdos mais trabalhados no 1º e 2º graus são de cunho esportivo. Xavier & Canfield (1995) confirmam estes conteúdos para o 2º grau, na cidade de Santa Maria. Grassi (1995) verificou que profissionais da área de Educação Física se preocupam, na sua maioria, com a prática de esportes.

Desta forma, os professores escolhidos para fazerem parte deste estudo foram os que ministravam as disciplinas de Atletismo, Basquetebol, Futebol, Handebol e Voleibol.

Como instrumento de coleta de dados, optou-se pela utilização de dois questionários inspirados no método Delphi, que conforme Nérice (1978) e Lewy (1979), consiste na coleta de opiniões de pessoas que devem responder por escrito sobre um determinado assunto, seguido de um posicionamento por parte de cada sujeito sobre a listagem de todos os aspectos relacionados no questionário anterior. Este método prevê, no mínimo, três questionários.

Não foi realizado o método Delphi porque houve muita dificuldade no retorno dos questionários. O primeiro questionário foi remetido as IES no final de outubro de 1995 e terminamos de recebê-los em fins de março de 1996 (quatro meses depois), sendo que retornaram apenas trinta e quatro (34) questionários dos oitenta (80) enviados; o segundo questionário foi enviado no início de abril de 1996

e recebemos o último em julho do mesmo ano, também quatro meses depois, sendo que foram enviados oitenta (80) questionários e retornaram cinquenta e dois (52). Para apressar o retorno dos questionários foram enviados envelopes resposta já selados e endereçados às pesquisadoras, assim como mantidos contatos telefônicos e por escrito.

Este estudo consistiu-se de duas fases, caracterizadas pela aplicação de diferentes questionários, aos mesmos professores.

Na primeira fase, foi construído um questionário com onze (11) questões abertas para obter o conhecimento dos professores a respeito da avaliação da aprendizagem no ensino de 1^o e 2^o graus, quanto aos aspectos de concepção, importância, finalidade, funções, critérios, técnicas, instrumentos, momento em que ela deve ocorrer e quem é responsável pela sua realização. Dentro da formação profissional, foi perguntado quanto a responsabilidade do curso de formação de professores a ensinarem o futuro professor a avaliar e como deveria acontecer esta aquisição de conhecimentos.

Na segunda fase, de posse dos resultados do primeiro questionário, foi feito uma análise e agrupamento das respostas de cada questão, sendo coletados indicadores de modo que na medida do possível, fosse mantido o caráter original das respostas do primeiro questionário, para a construção do segundo. Neste fase utilizou-se uma escala tipo Likert, representando cinco opções de escolha, quando foi solicitado que o professor marcasse com um círculo a opção que melhor representasse o seu pensamento quanto ao grau de importância de cada item:

- 1- DISCORDO TOTALMENTE
- 2- DISCORDO PARCIALMENTE
- 3- INDECISO
- 4- CONCORDO PARCIALMENTE
- 5- CONCORDO TOTALMENTE

CONCLUSÕES

Foi possível verificar neste estudo que os professores das disciplinas técnico-desportivas entendem que o curso de formação profissional é responsável por ensinar os futuros professores a avaliar e que esta aquisição do conhecimento deverá ocorrer em todas as disciplinas, através de observações, análise e discussões sobre diferentes aspectos que envolvem o processo de avaliar, inclusive verificando as condições sócio-econômicas e culturais dos educandos.

Para estes professores, a avaliação é entendida como um processo contínuo, de acompanhamento do desenvolvimento do aluno, seu crescimento e

capacidade em todos os aspectos. Percebem-na como um instrumento que investiga o alcance dos objetivos, respeitando os limites e a individualidade de cada aluno. Com base num conjunto de resultados, há possibilidade de uma tomada de decisão, onde é possível definir encaminhamentos adequados visando a aprendizagem, e que esta possa ser utilizada na vida do aprendiz. Compreendem também, que a importância da avaliação é possibilitar ao professor, de um lado o acompanhamento do desenvolvimento do aluno, onde é possível tomar consciência de seus progressos e dificuldades, nos aspectos cognitivo, afetivo e motor, e de outro verificar o grau de eficácia de sua prática pedagógica, de modo a proporcionar um ensino adequado, onde seja permitido ao aluno conhecer suas possibilidades.

Os professores vêem como finalidade da avaliação verificar as dificuldades e os desvios dos educandos, permitindo ao professor verificar o grau de eficácia de sua metodologia, usando alternativas que garantam sucesso no processo de ensino-aprendizagem, verificando o alcance dos objetivos, proporcionando o auto-conhecimento do aluno sobre sua aprendizagem, motivando-o e verificando se houve retenção do conhecimento, possibilitando ao educando ingressar num novo semestre ou ano.

Citam como funções da avaliação o acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem, o diagnóstico, a revisão e reformulação, o posicionamento (tomada de decisão) e a função de subsidiar a prática pedagógica do professor. Para estes professores a avaliação deve ocorrer em todos os momentos em que estivermos com nossos alunos, como também em momentos pré-estabelecidos, início, meio e fim do processo de ensino-aprendizagem, e que a avaliação do desempenho do aluno compete ao professor e ao aluno, com funções diferenciadas.

Também foi possível visualizar o posicionamento positivo a respeito da necessidade de estabelecer critérios para realizar uma avaliação coerente, pois é fundamental termos claro os objetivos a serem alcançados e os procedimentos a serem seguidos, sendo estes, elementos que auxiliam a realização da avaliação em todos os aspectos, e onde teremos certeza de não estarmos avaliando sobre dados aleatórios, fictícios, mas dados reais, coerentes e justos, reduzindo a subjetividade. Podemos verificar que os critérios, quando citados, foram bastante diversificados e privilegiaram os valores, atitudes, responsabilidades e cooperação, seguidos do conhecimento da forma correta de executar o gesto técnico e o exercício físico, e por último, o critério da execução correta do exercício físico e do gesto técnico.

Com relação as técnicas e instrumentos de avaliação, foram evidenciados trabalhos de grupo, avaliação crítica, observação informal (fichas e anotações), auto-avaliação, provas práticas, observação metódica e formal.

Em função do quadro relatado, em que os professores demonstraram conhecer a importância do tema avaliação e tendo em conta que a formação profissional

é responsável por proporcionar situações de aprendizagem avaliativas, algumas questões se impõem: por que ainda é tão difícil realizar a avaliação na prática escolar? será que os conhecimentos são transmitidos aos acadêmicos de Educação Física? por que encontramos tantos relatos de pesquisa dando conta do descaso da formação profissional quanto a este tópico do processo de ensino-aprendizagem e problemas encontrados por professores para realizarem a avaliação escolar (Almeida, 1989; Rebelo, 1989; Cechella, 1990; Negreto & Darido, 1991; Díaz, 1992; Ohlweiler, 1992; Alegre & Medalha, 1994; Melchior, 1994a; Veronez & Mendes, 1995)?

Concluimos que a maioria dos professores responsáveis pela formação nas disciplinas técnico-desportivas tem um conhecimento e entendimento do que seja avaliação numa abordagem mais compatível com a progressista, pois citam as funções da avaliação mais importantes, além de perceberem com clareza a real importância e finalidade que ela traz. Mas ao confrontarmos estes resultados com outro estudo realizado com os mesmos professores, onde perguntamos “como” eles ensinam a avaliar (Rombaldi & Canfield, 1996), percebemos claramente a desvinculação da teoria com a prática, pois na prática apenas 47% dos respondentes foram capazes de relatar “como” fazem para ensinar seus alunos a avaliarem. Também naquele estudo transpareceu incoerência quando os professores disseram que as informações recebidas pelos alunos sobre avaliação são insuficientes, e que acreditam ser de sua responsabilidade também ensinar a avaliar.

Se existe preocupação em desenvolver nos alunos competências e capacidades na busca de uma formação mais concreta, torna-se fundamental que os formadores estejam conscientes desta função docente.

Este trabalho teve com objetivo maior discutir a avaliação. Não como iniciativa inédita, mas evidenciando este tema na formação profissional, provavelmente, a fonte de muitos problemas encontrados na vida profissional dos professores. Neste sentido, percebemos que o descaso com o processo de ensino-aprendizagem nos cursos de formação em Educação Física, torna o ensino deficiente e limitado. Se é do interesse dos professores responsáveis pela formação melhorar a qualidade da Educação Física a ponto de torná-la respeitada e assegurar um *status* similar a outras disciplinas a nível escolar, urge que tomemos atitudes com o propósito de tornar os futuros professores seguros, competentes e qualificados técnica e pedagogicamente.

A falta de conhecimento sobre avaliação apresentada por grande número dos profissionais de Educação Física em nível de 1^o e 2^o graus, relatada consistentemente na literatura, contribui significativamente para a perda de prestígio na escola, na medida em que demonstra aos colegas de outras disciplinas a incapacidade de planejar seu ensino. Certamente, a formação tem muito a responder sobre este problemas.

Compreendemos que a principal finalidade da avaliação no processo escolar, e isto precisa ficar absolutamente claro para os alunos desde o início dos cursos de graduação em Educação Física, é ajudar a garantir a construção do conhecimento pelos alunos. O grande problema atual, na falta de melhor preparação, é o tipo de avaliação que vem sendo realizada, com o único objetivo de classificar os alunos.

É possível imaginar um dia, em que não haverá mais nota, média, conceito ou qualquer outro tipo de classificação e reprovação escolar. Entretanto, tem que ficar bem claro que ainda haverá a necessidade de continuar a planejar e a avaliar dinamicamente e qualitativamente a eficácia do ensino, a atuação do professor e a aprendizagem do aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEGRE, A.N. & MEDALHA, J.A. (1994). Avaliação em educação física: ação docente nas escolas oficiais de primeiro grau. **Revista de Ciências do Esporte**, v. 16, n. 1, p. 66.

ALMEIDA, H.M.V. (1989). **Avaliação em educação física**: análise de alguns aspectos do processo de avaliação em educação física de 5ª a 8ª série do 1º grau. Pelotas, RS. UFPel. Monografia (Especialização em Ginástica Escolar) - Universidade Federal de Pelotas.

CASTRO, V.L.C. & RAMIREZ, V.L. (1994). Planejamento: coerência com a prática educativa. In: Governo do Estado do Rio Grande do Sul - Secretaria de Educação. **Projeto Melhoria da Qualidade do Ensino**: considerações teórico-práticas para o redimensionamento curricular, Porto Alegre, p. 49-53.

CEHELLA, J.C. (1990). **Análise crítica da situação atual da didática da educação física no ensino de 1º, 2º e 3º graus em Santa Maria (RS)**. Santa Maria, RS, UFSM, Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria.

DAMKE, I.R. (1995). **Conhecimento e avaliação da aprendizagem**. Santa Maria, 8ª Delegacia de Educação, mimeo.

DARIDO, J.C. (1995). Teoria, prática e reflexão na formação do profissional em educação física. **Anais do V Simpósio Paulista de Educação Física**, Rio Claro, UNESP.

KINESIS, Santa Maria, n.21, 1999.

- DEPRESBITERES, L. (1993). Revisando a teoria da avaliação da aprendizagem. In: SOUSA, C.P. (org.). **Avaliação do rendimento escolar**, 2. ed., Campinas, Papirus, p. 51-79.
- DÍAZ, H.L. (1992). Evaluación de la capacidad motora en la escuela primaria. **Educación Física de Chile**, n. 229, p. 4-7.
- FREITAS, L.C. (1992). Em direção a uma política para a formação de professores. **Em aberto**, Brasília, n. 54, abr/jun.
- GRASSI, M.A. (1995). Educação física na escola de 1^o e 2^o graus. Prática desportiva ? **Anais do V Simpósio Paulista de Educação Física**, Rio Claro, UNESP.
- LEWY, A. (1979). **Avaliação de currículo**. São Paulo, EDUSP.
- LIBÂNIO, J.C. (1992). **Didática**. São Paulo, Cortez.
- LIMA, J.R.P. (1994). Caracterização acadêmica e profissional da educação física. **Revista Paulista de Educação Física de São Paulo**, v. 8, n. 2, p. 54-67.
- LUCKESI, C.C. (1995). **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo, Cortez.
- MATOS, Z.A. (1994). Avaliação da formação dos professores. **Boletim SPEF - Universidade de Coimbra**, n. 10/11, p. 53-78.
- MELCHIOR, M.C. (1994). **Avaliação pedagógica: função e necessidade**. Porto Alegre, Mercado Aberto.
- MENEZES, V.L. (1991). Formação e atuação do profissional em educação física escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 5, n. 1-2, p. 92-94.
- NASCIMENTO, J.V. (1991). Nova proposta curricular do curso de educação física na Universidade Estadual de Maringá. **Revista de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá**, v. 2, n. 1, p. 04-09.
- NEGRETO, I.J. & DARIDO, S.C. (1991). Atitudes dos professores de Educação Física em relação a avaliação dos alunos de 2^o grau da cidade de Rio Claro. **Anais do II Simpósio Paulista de Educação Física**, Rio Claro, SP.
- KINESIS, Santa Maria, n.21, 1999.

- NÉRICI, I.G. (1978). **Introdução à supervisão escolar**. 4. ed., São Paulo, Atlas.
- OHLWEILER, Z.N.C. (1992). **Avaliação da aprendizagem no currículo de educação física nas escolas de Santa Cruz do Sul**. Santa Maria, RS. UFSM. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Universidade Federal de Santa Maria.
- OLIVEIRA, A.A.B. (1988). **Análise crítica do currículo das disciplinas práticas do curso de Educação Física da Universidade Federal de Maringá**. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Dissertação de Mestrado.
- REBELO, L.T. (1989). Diagnóstico da avaliação em educação física de primeiro grau nas escolas estaduais de Florianópolis. **Anais do II Simpósio Paulista de Rio Claro**, Rio Claro, UNESP.
- ROCHFORT, R.S. (1994). **Avaliação dos futuros profissionais: perspectivas**. Santa Maria, Semana Acadêmica do CEFD/UFSM (curso de voleibol na perspectiva da formação profissional) - mimeo.
- ROMBALDI, R.M. & CANFIELD, M.S. (1996). Aprendemos a avaliar nos cursos de formação profissional em educação física ? Como ? **Anais do XVI Simpósio Nacional de Ginástica e Desporto**, Pelotas, UFPEL.
- VANDEVELDE, L. (1981). A avaliação nos cursos de formação de professores de educação física. **Revista Artus**, n. 9/11, p. 18-21.
- VERONEZ, L.F.C. & MENDES, V.R. (1995). A formação profissional do professor de educação física e a questão da avaliação no cotidiano escolar. In: PEREIRA, F.M. (Org.). **Educação Física - Textos do XV Simpósio Nacional de Ginástica**. Pelotas, Ed. Universitária, p. 43-53.
- XAVIER, B.M. & CANFIELD, M.S. (1995). Estruturação da educação física no II grau. In: PEREIRA, F.M. (Org.). **Educação Física - Textos do XV Simpósio Nacional de Ginástica**. Pelotas, Ed. Universitária, p. 33-42.